

REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»
Aos Efésios 4:13

Historicidade de Jesus

Por A. DIAS GOMES

Que poderemos saber do Jesus Humano?

As Profecias Messiânicas

Por A. DIAS GOMES

O mundo Israelita na época do Advento

Por E. G. WHITE

A divindade de Jesus Cristo

Por ERNESTO FERREIRA

Época do aparecimento de Jesus

Por E. PRESSENSÉ
(Historiador)

O Redentor

Por ALMEIDA GARRETT

Esclarecendo...

Vivemos no tempo de grandes transformações. A nossa época assemelha-se à das guerras grego-pérsicas, à das invasões dos bárbaros, à da ruína do reino de Israel. As mesmas causas, nas mesmas circunstâncias, produzirão os mesmos efeitos.

A religião teve parte muito activa e preponderante em todas essas grandes transformações humanas, umas vezes agiu benéfica e outras maléfica. Doutrinas pagãs falhas de raciocínio e até imorais fizeram baquear aquela esplêndida organização política e militar que se chamou o Império Romano. O paganismo grego já fizera ruir a grande civilização da Hélada. As falsas ou imperfeitas concepções religiosas do mundo antigo não puderam manter de pé as estruturas políticas nem as civilizações respectivas.

E muito maiores teriam sido as ruínas se não tivesse aparecido, há vinte séculos, o Cristianismo. Tudo quanto de nobre encontramos na terra é simples cópia, por vezes imperfeita, das elevadas ideias e doutrinas cristãs. No seio do Cristianismo vieram abrigar-se dos temporais, na pessoa dos conversos ao Cristianismo, a civilização israelita, a civilização oriental, a civilização romana. Foi ainda no Cristianismo onde as nações menos civilizadas, como os bárbaros do Norte, encontraram escola de instrução e educação.

O Cristianismo é corrente caudalosa do Bem; pede uma origem. A figura de Cristo e os Seus ensinamentos necessitam ser meditados por todas as almas preocupadas desta época que espera a Nova Ordem. Assim como os farmacêuticos arranjam artisticamente os remédios que foram inventados pelos investigadores nos seus laboratórios, assim também todas as grandes ideias de Paz, de Harmonia, de Felicidade na vida, não são mais do que simples arranjos, mais ou menos artísticos, dos ideais apresentados, há dois mil anos, pelo grande Mestre Jesus de Nazarete. Façamos paragem na sucessão rotineira da nossa existência e vejamos os benefícios inúmeros que os nossos antepassados tiraram do convívio com as doutrinas de Jesus.

No meio das mais diversas doutrinas e opiniões, há uma verdade comum em todos os sectores do pensamento: Jesus foi um grande Mestre e um grande Filântropo. Entre todos os credos cristãos, esta verdade sobressai: Jesus é o Cristo, é divino.

O conjunto de artigos desta revista tende a dar alguma ideia da personalidade humana e divina de Jesus. Quizemos que fôsse um brado idêntico ao de Maria a sua irmã:

« O Mestre está cá e chama-te. »

Os editores

A infância de Jesus

Os primeiros anos de vida do Salvador são mais do que um exemplo para a juventude. São uma lição e deveriam ser um estímulo para todo o pai. O círculo dos deveres perante a família e os vizinhos é o primeiro campo de acção para os que se querem empenhar na obra do levantamento moral dos seus semelhantes. Não há campo de acção mais importante do que o designado aos fundadores e protectores do lar. Das obras confiadas a seres humanos, nenhuma existe tão repleta de consequências de grande alcance, como a obra dos pais.

A juventude e a infância de hoje é que determinam o futuro da sociedade e o que estes jovens e estas crianças hão de ser, depende do lar. A falta de boa educação doméstica pode ser responsabilizada pelo grande número de enfermidades, pela miséria e criminalidade que flagelam a humanidade. Se a vida doméstica fôsse pura e verdadeira, se os filhos que saem do lar se achassem devidamente preparados para enfrentar as responsabilidades da vida e seus perigos, que transformação não experimentaria o mundo!

Realizam-se muitos esforços, gastam-se tempo, dinheiro e trabalho em proporções quasi ilimitadas, em emprêsas e instituições destinadas à regeneração das vítimas dos maus hábitos. E ainda assim todos estes esforços tornam-se insuficientes para enfrentar tão grandes necessidades. Quam insignificantes são os seus resultados! Quam poucos os que se regeneram para sempre!

Pois bem; esta obra depende, em muito, dos pais. Nos esforços que se fazem para deter os avanços da intemperança e de outros males que carcomem como cancro o organismo social, se concedêssemos mais atenção à tarefa de ensinar aos pais a maneira de formar os hábitos e o carácter dos filhos, o resultado seria cem vezes mais benéfico. O hábito, força tão terrível para o mal, podem os pais transformar em força para o bem. Tem de velar o rio desde a nascente, cumprindo-lhes dar ao mesmo uma boa direcção.

E. G. White « O Lar »

REVISTA ADVENTISTA

Orgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Director: A. Dias Gomes
Redactor: Ernesto Ferreira
Administrador: A. F. Reposo

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

Redacção e Administração
Rua Joaquim Bonifácio, 17

Composta e impressa na
Tip. GOMES & RODRIGUES
32, Rue des Picôes, 34—Lisboa

	Cont. e ilhas	Colónias
Número avulso..	2\$50	3\$00
Assinatura anual	12\$50	15\$00

Historicidade de JESUS

Por A. DIAS GOMES

Não faltam pessoas, de espírito investigador, que se perguntem quais as provas históricas da existência humana de Jesus. Não admira; são mais do que muitos os autores de livros que procuram divertir-se a meter dúvidas, a aumentar dificuldades, sobre assunto há muitos séculos resolvido.

Ouçamos os Negativistas

Para eles, Jesus não existiu porque:

- 1.º — Nada escreveu.
- 2.º — Nenhum autor profano, dos contemporâneos de Jesus e da Sua época, deixou o mais leve vestígio (!) da Sua existência.
- 3.º — Os cristãos já existiam antes de Cristo e, conseqüentemente, não foi preciso o Jesus de Nazarete para lhes dar origem.
- 4.º — Nada se sabe de positivo sobre a data do Seu nascimento, sobre a Sua pessoa e haverá poucos personagens da História de que estejamos tão mal informados como de Jesus (!!).
- 5.º — Os Evangelhos não são documentos históricos porque se limitam a descrever um Jesus que cumpriu as profecias do Velho Testamento e, como não existem profecias, fica demonstrado que o Jesus foi invenção dos evangelistas (!!!).
- 6.º — As lendas mitológicas podem adaptar-se a Cristo e conseqüentemente a Sua biografia evangélica foi tirada inteiramente da Mitologia pagã (!?).

E por aqui ficamos, com estas mais fortes afirmações negativistas, para não alargarmos demasiado o nosso artigo. As exclamações são nossas e antecipam-se às do leitor conhecedor da matéria.



«Jesus Nazareno, varão profeta, poderoso em obras e palavras». (S. Lucas 24: 1)

Respondem os Apologetas Cristãos

Tais razões não têm base. Com efeito:

- 1.º — O facto de nada existir escrito pelo punho de Jesus não basta para provar a Sua não-existência. Quantos homens históricos que nada escreveram ou porque não soubessem ou porque não pudessem ou, ainda, porque se perderam os seus escritos! Nenhum negativista se levantou a dizer que Sócrates não existiu e, contudo, toda a gente sabe que, se escreveu, nada chegou aos nossos dias, nem directa nem

indirectamente. E que dizer dos políticos, imperantes e generais da Antiguidade Oriental? Onde estão os seus escritos pessoais?

Nem precisávamos apontar para a Antiguidade. Infelizmente no nosso país, existem muitas pessoas que não sabem ler nem escrever!

- 2.º — É verdade que Filo de Alexandria, célebre escritor judeu, contemporâneo de Jesus, nada escreveu sobre Ele nas suas obras. Não esquecer que Filo escreveu na Alexandria e que Jesus viveu na Judeia; Filo era filósofo aureolado de fama ortodoxa e Jesus humilde car-

pinteiro de Nazarete rodeado de ódios como «protestante»; Filo escreveu para filósofos ortodoxos e Jesus viveu para os pobres a quem chamava bem-aventurados. O movimento de Jesus, como o de S. João Baptista, era demasiado humilde no seu início e não merecia as atenções dos grandes.

Mas já FLÁVIO JOSÉ, contemporâneo de Jesus, militar judeu nas campanhas infelizes da Palestina, escreveu o seguinte:

«Naquê tempo apareceu Jesus, homem sábio, se é que se lhe pode dar o nome de homem porque fez uma infinidade de prodígios e ensinou a verdade a todos aquêles que quizeram ouvi-lo. Teve muitos discípulos, judeus e gentios, que abraçaram a sua doutrina. Êste era o Cristo. Tendo-o Pilatos feito crucificar por causa da acusação lavrada pelos primeiros do rosso país, isto não impediu que aquêles que se lhe tinham afeiçoado desde o princípio, lhe permanecessem fiéis. Apareceu-lhes vivo, três dias depois da sua morte, segundo o vaticínio que os profetas tinham feito da sua ressurreição e de muitas outras coisas que lhe diziam respeito; e ainda hoje a seita dos cristãos subsiste e possui o seu nome». (História dos Judeus L. 18 c. 4).

Um pouco mais adiante, quando fala da condenação de S. Tiago, diz:

«Tiago, irmão de Jesus, chamado o Cristo» (Liv. 20 c. 9).

Se outras fontes não existissem, parece-nos que tão notável escritor bastaria à refutação dos negativistas.

Continuemos porém. O conhecido historiador latino TÁCITO, autor dos Anais, ao descrever o governo de Nero e as suas perseguições decretadas, diz:

«Êste nome de cristãos vem-lhes de Cristo que tinha sido executado no tempo de Tibério pelas ordens do Procurador Pôncio Pilatos. Esta seita detestável, reprimida a princípio, espalhou-se novamente não só na Judeia, origem de

tanto mal, mas ainda na própria Roma, aonde afluem de toda a parte tudo o que é criminoso e infame e ali prospera». (Anais XV, 44).

Ainda SUETÓNIO, na vida dos imperadores, no capítulo de Cláudio, afirma:

«Cláudio expulsou de Roma os judeus que, por instigação de Cristo (Chresto), amotinavam constantemente a plebe».

PLÍNIO, o Moço, foi nomeado cônsul da Bitínia por Trajano, entre 111 e 113 da nossa Era. A sua missão consistia em dominar a nova religião cristã que ameaçava destruir o paganismo oficial. Escreveu neste sentido algumas cartas a Trajano entre as quais se lê:

«... êstes cristãos reuniam-se num dia marcado, antes do nascer do sol, e cantavam um hino a Cristo como a um Deus; comprometiam-se por juramento, não a crimes, mas a não cometer roubo, adultério, quebra de juramento, negar depósito e, depois disso, costumavam separar-se e tornavam a reunir-se para comer manjares inocentes.

«Todos comigo invocaram os deuses e ofereceram incenso e vinho à tua imagem, maldizendo o Cristo». (Epist. 97 liv. X).

Não continuaremos a citar. Os negativistas cerram fileiras diante destas declarações e acusam-nas de falsas. Como provar que são falsificadas e postas nos respectivos livros, depois do autor? Eis a dificuldade! As mais bizarras hipóteses são inventadas; aqui porque os antecedentes não ligam com os consequentes; acolá porque não é de admitir que Flávio José dissesse tais coisas e não se fizesse cristão; mais adiante, porque Cristo nunca esteve em Roma para andar a instigar ali os cristãos, etc., etc. Qualquer pessoa apanha a fraqueza dos argumentos e apenas nos limitaremos a dizer, neste parágrafo, que pouco ficaria da boa História se lhe aplicassem iguais métodos e hipóteses.

3.º — Já existiam os cristãos antes de Cristo?

«Que sim. Eram os Terapeutas no Egipto e os Essênios na Pales-

tina. Que o próprio historiador cristão Eusébio declara que os terapeutas, no Egipto, adoptavam os Evangelhos para livro sagrado.

E de resto não dizem os historiadores romanos que «os judeus e egípcios foram expulsos de Roma onde formavam a mesma superstição? Não eram êles os seguidores do tal Chresto ou Cristo? Pois está provado que existiram cristãos antes de Cristo e, consequentemente, Cristo nunca existiu».

Ora não devemos deitar-nos fora dos claros dizeres dos documentos. Se de Roma foram expulsos «judeus e egípcios» não implica que fôsem cristãos. Os terapeutas podiam, antes de Cristo, bem como os Essênios, seguir princípios espirituais muito idênticos aos dos cristãos.

Nem era preciso citar os Terapeutas do Egipto ou os Essênios da Palestina, Pois não deveriam os Israelitas praticantes seguir as mesmas normas gerais de conduta próprias dos cristãos? Evidentemente.

Mas eram Terapeutas, eram Essênios, eram bons Israelitas e não eram Cristãos que só começaram a existir no tempo de Jesus de Nazarete e só receberam o nome de «cristãos» mais tarde em Antioquia.

Tinham os Terapeutas, nos tempos de Eusébio, os mesmos livros dos Cristãos? É possível, contudo só puderam começar a usá-los depois de escritos e o primeiro livro do N. Testamento a ser escrito foi a 1.ª aos Tessalonicenses aí pelo ano de 55.

4.º — Então nada se sabe de positivo à-cêrca-de Jesus?

É certo que não existe nem nunca existiu a certidão de idade de Jesus ou o seu bilhete de identidade. Não consta que tais documentos existam para outros personagens de muito menor valia na Terra e cuja existência não é posta em dúvida.

Também ninguém ignora as deficiências sobre minúcias biográficas de Jesus: não se sabe com exactidão o dia do seu nascimento, discute-se o mês e há dúvidas sobre o ano.

Mas dizer que nada se sabe de positivo sobre Jesus é arrôjo negativista. Até se nos afigura que não haverá muitos homens históricos com tantas particularidades conhecidas como Jesus de Nazarete. Conhece-se o lugar de nascimento, a família em que nasceu, o meio

em que passou a Sua infância e mocidade, a instrução máxima que poderia ter recebido, o ofício da Sua juventude, a obra de evangelização que realizou, as disputas com os chefes religiosos e políticos do Seu tempo, bastantes minúcias dos Seus discursos e ensinamentos, particularidades da Sua morte e os efeitos de vida tão activa em prol da Humanidade.

Não há o retrato físico de Jesus. Não admira, visto não termos o retrato de outros homens notáveis, em menor escala. Por exemplo do grande S. Francisco de Assis parece que não há retrato e, no entanto, que foi S. Francisco ao lado de Jesus? Um imperfeito discípulo.

5.º — Claro está que tôdas estas negações só poderão surtir efeito quando se negue aos Evangelhos a sua historicidade. Neguem a Xenofonte e a Platão a sua veracidade e vejam o que ficará de Sócrates!

Mas porque não são documentos históricos os Evangelhos? Só porque apresentam um Jesus em cumprimento das profecias do Velho Testamento? Não há apenas cumprimento de profecias nas quatro biografias de Jesus. Mesmo a maior parte dos acontecimentos vulgares narrados não são matéria das profecias. Não é um ser sobrenatural que o Evangelho pinta no Jesus que comeu, dormiu, bebeu, viajou, conversou e discutiu.

Teremos nós de negar a existência das profecias? Que as profecias do V. Testamento foram anteriores a Jesus, de alguns séculos, é facto que os próprios negativistas não podem negar, assim como não foi negado pelos israelitas contemporâneos. Logo não foram as profecias escritas depois da existência de Jesus. Poderia ter sido Jesus criado para satisfação das mesmas profecias? Era impossível. Algumas profecias de menor importância, tais como a que dava o Messias a entrar em Jerusalém cavalgando um jumento, eram susceptíveis de arranjo. Mas como arranjar cumprimento às que o davam nascido de uma Virgem, às que diziam respeito a personagens políticos e religiosos, às que anunciavam a Sua morte e ressurreição? Não, não se podia inventar pelas profecias o Jesus de Nazarete e tanto mais que as quatro biografias oferecem resistência, à hipótese de uma invenção, na maneira como se harmonizam e na maneira como se diferenciam. Quem

inventasse um Jesus de Nazarete teria, pelo menos, um nível intelectual igual; ora dois mil anos de experiências nos dizem que não é possível alcançar o nível moral e intelectual do grande Mestre.

Os Evangelhos, em particular, e a Bíblia, em geral, oferecem base histórica à personalidade de Jesus.

6.º — As lendas mitológicas precisam de interpretações muito especiais para poderem adaptar-se à figura real de Jesus. Os próprios negativistas, ao apresentarem as suas hipóteses, mostram bem que o facto mitológico não tem pano bastante para com êle revestir o Mestre. E não têm sido raros os escritores que provam a fraqueza do argumento negativista demonstrando por explicações igualmente « sólidas » que os homens históricos mais conhecidos não passam de seres lendários. Apliquem-se as mesmas explicações a Napoleão, a Afonso Henriques, a Camões e vê-los-emos evaporados.

Provas sólidas

São apresentadas por historiadores não-cristãos. Citaremos, por exemplo, Carlos Guignebert, professor de história na Sorbonne. Depois de discutir o problema de Jesus aponta dois factos bem sólidos:

1.º — O testemunho dos Judeus

« Como é que, nas suas primeiras polémicas contra os cristãos, nunca os judeus tenham negado a existência de Jesus? Só esta negação, bem fundada, encerrava um argumento radical e tal que obrigaria o adversário a calar-se. Ora que os judeus nunca o tenham empregado prova-o o Talmud e, com êle, o «Diálogo com o Judeu Trifo» de Justiniano e o tratado de Celso contra os cristãos, cujo autor, justamente, procura por os que considera judeus puros aos judeus heréticos. Mais ainda, tôda a literatura anti-judaica do cristianismo nos persuade disso, pois nela se deveriam encontrar os mais vivos protestos se tão sacriliga frase fôsse empregada pelos judeus. Êstes, em certas ocasiões, insultaram Jesus e

Sua Mãe mas nunca negaram que Êle tivesse existido ». (« Le Problème de Jésus » pág. 143).

2.º — O testemunho de Saulo

« Os negativistas não podem tomar de assalto a fortaleza constituída pelas quatro grandes epístolas (I e II aos Coríntios, Romanos e Gálatas) a não ser que provem a sua inautenticidade total; a hipótese da interpolação parcial, a que recorreram Smith e Drews, quando o texto os embaraça, é demasiado cômoda e arbitraria... Até prova convincente do contrário, acreditamos que, reservados os problemas de interpolação, as quatro grandes epístolas são autênticas e bastam para provar a existência histórica de Jesus ». (Idem, pág. 157).

Não há efeito sem causa, eis uma lei fundamental da Lógica. O seu corolário diz que os efeitos são proporcionais às causas. O cristianismo é efeito que reclama para causa a figura irresistivelmente energética e simpática do Seu Fundador.

O cristianismo existe hoje, existiu ontem, venceu no passado as mais destruidoras barreiras e tão caudaloso rio de vivas águas espirituais reclama a existência da sua nascente num ponto do tempo e do espaço: JESUS CRISTO.

SAÚDE E LAR

Revista de Medicina popularizável

Vinte páginas de artigos assinados por Médicos

PROFUSAMENTE ILUSTRADA

Avulso 3\$00

Assinatura anual 15\$00
(seis números)

LEITURA ÚTIL E AMENA

Que poderemos saber

do

JESUS humano?

Do seu aspecto físico, quasi nada conhecemos. Não existe retrato de Cristo, pintado ou escrito. Nada sabemos da sua estatura, côr dos olhos, particularidades faciais. Durante a sua existência, ninguém se preocupou a retratá-Lo e até os Seus discípulos viveram tão preocupados com as qualidades espirituais do Mestre que esqueceram em absoluto de nos dizer alguma coisa das físicas. Fala-se do «Santo Sudário» e procuram tirar daquele célebre lençol conclusões muito interessantes sob o ponto de vista imaginativo.

Sabemos, contudo, que foi judeu capaz de emitir ondas irresistíveis de simpatia. Os êxitos públicos de Jesus, quando a Sua palavra e personalidade seguravam auditórios de milhares, durante dias seguidos, só são possíveis a pessoas altamente simpáticas. Não podemos esquecer os êxitos notáveis de Jesus no convívio individual. A sua companhia era reclamada e desejada por ricos e pobres, sábios e ignorantes, bons e maus.

Tem sido trabalho insano, para os artistas, a reprodução das suas ideias particulares sobre o aspecto físico de Jesus. Cada século e cada povo retratam o Cristo das mais variadas maneiras. Quando os cristãos ajoelham, em casa ou na igreja, diante das imagens pintadas ou esculpadas de Cristo, nem sequer pensam que estão a prestar culto à imaginação do artista. E neste ponto fraqueja o célebre argumento: podemos prestar culto às imagens de Cristo porque também veneramos os retratos das pessoas queridas e ausentes. Enquanto posso ter a certeza absoluta de que contemplo o retrato ou a estátua de um membro da minha família, já não posso iludir-me sobre um retrato de Jesus. Por outro lado, simplificar-se-ia a discussão e a relutância de muitos cristãos e igrejas em possuir a imagem de Cristo, se houvesse certeza inabalável da sua exactidão histórica.

É muito curiosa a personalidade humana de Jesus e vamos apontar alguns aspectos menos conhecidos:

*

* *

Foi um destemido. As pessoas amáveis nem sempre cultivam a valentia e o destemor. Em Jesus

encontramos o ser mais amável e destemido da história. Quando os discípulos aterrorizados pela bravura das vagas O acordaram (São Lucas 8:22-25), a energia das suas palavras aplacaram logo a fúria das ondas e S. Mateus relembra a frase: «Porque temeis, homens de pouca fé?»

Não poderemos admirar-nos da valentia que sempre mostrou perante as dificuldades mais desanimadoras Quem assim se mostrava animoso em pleno mar enfurecido. A sua valentia demonstrou-se no combate às tradições mais enraizadas dos judeus sempre que brigassem com a Lei Moral e, acima de tudo, com a caridade que Lhe serve de resumo (S. Mat. 15:1-6). Não mostrou respeito pelos costumes errados do seu povo (S. Marc. 2:23-28) e, vivendo acima das vulgaridades da época, provou ser alma valentíssima. Não aceitou a organização financeira do Templo (São Mateus 21:9-13) e pegou no azorrague para a varrer de diante da Sua ira, arrostando desta forma o triplo perigo da ira popular, do ódio sacerdotal e da reacção armada dos romanos, vigilantes na Torre da Antónia.

Desprezava a morte e o Seu lema foi: «Não temais os que matam o corpo» (S. Luc. 12:4). Foi o tipo perfeito de heroicidade ao enfrentar calmamente, com desprezo da vida e da reputação, tanto a gentilha amotinada como a própria força pública. Podia ter salvado a vida no duplo sentido: podia ter vivido bem, na abundância e no respeito dos seus concidadãos se tivesse querido acomodar-se, dissimular, silenciar. Longe disso, marchou sempre impassível e direito.

A Sua vida inteira, pelos episódios dos Evangelhos, foi a contínua prática daquele grito que Lhe era muito peculiar: «Não tenhais medo» (S. Mat. 10:31).

E, no entanto, nunca esqueçamos que Jesus manifestou muita prudência e, desta forma, a sua

valentia excluiu atritos escusados. Ele não viera ao mundo para destruir, reduzir ao nada, mas, pelo contrário, para cumprir, realizar a obra que o Pai Lhe dera, estabelecer as bases sólidas da Verdade espiritual.

Muito haverá a dizer desta valentia sã, sem excessos destrutivos, calma, pacífica. Anos mais tarde, em Jerusalém, as autoridades reunidas em tribunal, reconheciam que certo grupo de judeus tinha estado na escola de Jesus, justamente porque se mostravam destemidos:

«E ao verem a intrepidez de Pedro e de João... reconheceram que haviam estado com Jesus» (Actos 4:13).

*

* *

Foi o tipo humano da coragem perante **circunstâncias desanimadoras.**

Pegar no cacete ou no azorrague, desembainhar uma espada e dar uma carga heroica de cavalaria, cair a fundo e violentamente sobre o adversário material e visível, pode ser prova de valentia mas não o será de coragem. Uma coisa é ser-se valente e outra corajoso.

Ser corajoso consiste em ficar impassível perante uma derrota e ninguém discordará ser esta atitude tão apreciável como uma vitória. Sofrer revezes de sorriso nos lábios, saber perder sem ficar amuado, é faceta brilhante do espírito. Alma grande não é só a que pode realizar grandes coisas mas também a que pode suportar, com tranquilidade, importantes revezes e circunstâncias adversas.

Todos sentem simpatia, por exemplo, por um grupo futebolista que continua o combate desportivo, com o mesmo entusiasmo de início, embora esteja a perder o jogo e, perdido este, dispõe-se a continuar as lutas futuras.

Pois bem, Jesus foi a coragem personificada.

Tudo conspirou à uma para de-



«Porque temeis, homens de pouca fé?»

sanimar o Mestre: a pequenez da Palestina, a insuficiência de meios materiais, maus colaboradores, constantes e temíveis calúnias tais como a de glutão (S. Mat. 11:19), beberrão, mentiroso (S. João 7:12), servidor do diabo (S. Mat. 12:24), doido (S. Marc. 3:21); o próprio Diabo o considerava como vaidoso (S. Mat. 4:8-10).

A tudo isto acrescia a certeza de terminar a Sua vida terrena pregado na cruz da ignomínia (S. Marcos 8:31). Não era forma de produzir a morte que não tivesse sido por Ele contemplada muitas vezes. Os sofrimentos pavorosos daqueles desgraçados que levavam, por vezes, dias de agonia, ainda hoje nos excitam os nervos quando os vemos: que seria para quem visse! E, contudo, executou a Sua missão com todo o sangue frio.

Nas almas bem conformadas — e nenhuma há que possa igualar á de Jesus — os amigos e o seu bem-estar pesam muito. Jesus era, na verdade, amigo dos Seus amigos. Uma das razões de maiores desânimos devia ser a certeza de os estar a guiar à mais tormentosa das existências.

Podemos encontrar uma cena típica de toda a vida solitária de Jesus. Ele combateu, muito só, o combate da Sua vida. Passou na terra como um grande solitário, incompreendido de Sua mãe, de Sua família, de Seus amigos. Na madrugada em que foi preso no Getsemani, lá fora o mundo hostil preparava-se para o grande espectáculo; dentro do jardim alguns discípulos bem dispostos mas falhos de entendimento; junto d'Ele três discípulos mais queridos dormiam; adiante um pouco, Jesus, solitário, dobrava-se ao peso das Suas dores íntimas e, ainda bem, recebia do Anjo o que não podia receber dos homens!

A décima parte dos sofrimentos e dificuldades de Jesus, na vida normal de qualquer indivíduo, bastaria para lhe darmos absolvição no caso de perder a fé até em Deus.

Pois bem, no meio de todo este panorama desalentador, ouvem-se as palavras do Mestre, momentos antes de ser entregue aos piores sofrimentos:

«Tende bom ânimo, eu venci o mundo» (S. João 16:33).

*

* *

Optimista em tudo. Vulgarmente apresenta-se o Mestre como homem triste, melancólico, penalizado, cheio de dores.

Pois o Evangelho aponta as profundas alegrias e satisfações de que estava cheio o Seu carácter e a Sua vida.

Cantaram com alegria os Anjos no momento do Seu nascimento. Cantou de contentamento Sua mãe ao visitar Santa Isabel. Devia ter cantado o Menino Jesus na Sua infância em Nazarete. Cultivou Jesus todas as sãs alegrias da vida tais como as casas das bodas (S. João 2), a mesa do jantar melhorado com os Seus amigos (São Mateus 9:10-15). Não existiu Nele o situação desgraçada da maioria humana: a oposição entre o modo de vida e a vocação. Em Jesus,

modo de vida e vocação tudo era um (S. Mat. 13:44). Viera ao mundo com certa missão e desejava ardentemente realizá-la. A certeza absoluta da Sua origem e da Sua missão enchia-Lhe a alma de alegria jamais provada por qualquer mortal. A Sua concepção de Deus e das verdades divinas era outra fonte de gozo: Ninguém conhecia o Pai, senão Ele Seu Filho! Viera de Deus e ia para Deus. A vitória do bem sobre o mal era uma certeza vivida por Jesus. A Sua obra havia de estender-se ao mundo, relampejasse ou coriscasse; o mundo seria cheio do Evangelho e no final haveria «um só rebanho e um só Pastor».

Jesus, por força, irradiou alegria! Prova-o a maneira como as crianças O procuravam. A rapaziada miuda ou graúda só está bem onde haja atmosfera pacífica de alegria. E também só as almas alegres e bondosas se sentem bem no convívio dos novos (S. Marc. 10:16).

Por certo Jesus teve momentos de muito sofrimento. A tristeza vem da mesma fonte donde brota a alegria: a alma humana sensitiva. Só pode chorar com emoção capaz de comover os impedernidos, aquê que pode alegrar-se perante os belos espectáculos da vida.

Nos últimos momentos da Sua convivência humana com os melhores amigos, quando a porta do cenáculo se fechou sobre o traidor, ainda lançou em cima da mesa como cordial reconfortante as sublimes palavras:

«Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós e o vosso gozo seja completo» (S. João 13:11).

*

* *

Já procuraste, leitor amigo, estudar a personalidade de Jesus, à luz do Evangelho? É fonte inexgotável de salutareas lições.

Foi a personificação da bondade, da grandeza de alma, da santidade e, nunca esquecer, o tipo perfeito da valentia construtiva, da coragem calma, da indignação veemente, da resistência à dor e ao sofrimento, da alegria sã, do optimismo mais puro, numa palavra, das virtudes que, em ínfima proporção, podem fazer o Homem.

Deus seja bendito pelo nobre Modelo que nos enviou e tão grandemente enobreceu a raça humana.

AS PROFECIAS



«Que está escrito na Lei? Como lêis?» (S. Mateus 10:26)

Primitivas Profecias

A mais antiga profecia messiânica é de Gênesis 3:13: «Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar». Estas palavras são atribuídas por Moisés ao próprio Deus quando reprovou a acção de Eva enfeitada pela serpente. Pelo que lemos foi feita a promessa segundo a qual a cabeça do maligno seria esmagada pela «Semente da Mulher». Os crentes em Deus da linhagem de Abraão, muito antes de Cristo, interpretavam estas palavras dizendo que viriam tempos em que Alguém saído de semente humana venceria definitivamente o poder do mal.

Antes de Moisés ter escrito estas palavras, viveu Abraão. Viu êste patriarca, profeticamente, o dia do triunfo do Messias e alegrou-se na vitória do bem sobre o mal. (Veja-se S. João 8:56). Seu neto Jacó, moribundo nas margens do Nilo, fortalecia a moral de seus filhos com a certeza de que o Messias nasceria na família do seu Judá (Gen. 49:10). Shiloh é traduzido por Enviado e ainda por Messias cuja missão seria «congregar em si os habitantes de tôdas as nações». Os israelitas sempre consideraram esta passagem do discurso funéreo de Jacó como profecia sobre o Messias a nascer na tribo de Judá. De facto, Jesus nasceu quando o poder administrativo passara da casa de Judá para as mãos do idumeu Herodes, simples representante do poder romano.

Profecias do Rei Davide (perto de 1.000 anos antes de Cristo)

Com o máximo prazer e defe-

rência vamos dar a palavra ao grande orador católico Bossuet:

«Davide viu o Messias de longe e cantou-o nos seu salmos com uma magnificência que ninguém poderá igualar... O Messias apareceu-lhe sentado num trono mais durável que o sol e a lua. Viu a seus pés tôdas nações vencidas e, ao mesmo tempo, abençoadas nele, conforme a promessa feita a Abraão (Salm. 72:5, 11, 17). Elevou a sua vista mais alto ainda: viu-o nas luzes dos santos e diante da aurora, saindo eternamente do seio de seu Pai, Pontífice Eterno e sem sucessor, não sucedendo a ninguém, criado extraordinariamente, não segundo a ordem de Arão mas segundo a ordem de Melquisedeque que a lei não conhecia. Viu-o assentado à direita de Deus, olhando do mais alto céu os seus inimigos abatidos. Fica admirado de um tão grande espectáculo, extático diante da glória de seu filho, chama-lhe seu Senhor (Salmos 110)... Embora o reino do Messias seja predito nas Escrituras sob ideias magnificas, Deus não escondeu a Davide as ignomínias por que teria de passar êste bem-dito fruto das suas entranhas... A cruz parece a Davide como o trono verdadeiro dêste novo rei. Vê as suas mãos e os seus pés trespassados, todos os ossos marcados debaixo da pele pelo pêso do seu corpo violentamente suspenso, os seus vestidos divididos, o seu manto jogado aos dados, a sua língua mitigada com fel e vinagre, os seus inimigos enraivecidos junto dêle enchendo-se com o seu sangue (Salm 22:69). Vê também, por outro lado, as conseqüências gloriosas das suas humilhações; todos os povos da terra se lembrariam do seu Deus, esquecido há tantos séculos; viriam à sua mesa: primeiro os pobres, depois os ricos, os poderosos e todos desejavam adorá-lo e abençoá-lo; o Messias presidiria na grande e numerosa Congregação, isto é, na assembleia

Milhares de anos antes de Jesus aparecer no mundo com forma humana, o Seu advento estava predito. Muitas minúcias da Sua vinda, a maneira como viria, a época em que se manifestaria, o lugar do Seu nascimento, o modo da Sua vida pública e privada, da morte, ressurreição e ascensão, foram profetizadas.

Estas profecias messiânicas, dos antigos profetas de Israel, encontram em Jesus uma realização tão perfeita que os próprios israelitas, ao recusarem aplicá-las a Jesus de Nazarete, correm o risco certo de nunca verem o seu cumprimento e, ao mesmo tempo, de fazerem passar por menos verdadeiros os seus mais respeitadas antepassados na fé.

Na história das religiões é facto único ver-se o judaísmo a preparar a religião que deveria suplantá-lo: o cristianismo. Nenhum homem dos mais ilustres foi predito muitos séculos antes do nascimento. Nenhum César, nenhum Napoleão, ocupou o pensamento dos homens antes da sua existência terrestre. Só Jesus viveu profeticamente antes de nascer. Um povo inteiro habituou-se a suspirar pelo Seu aparecimento. Da mangedoura à cruz, a Sua vida está descrita.

MESSIÂNICAS

das nações convertidas, anunciando aí aos seus irmãos o nome de Deus e as suas verdades eternas (Salm. 22).» (Discursos sôbre a História Universal.)

Não podemos deixar de lembrar o facto de Davide, grande profeta e glorioso cantor das tristezas, alegrias e esperanças de Israel, ter vivido mil anos antes do acontecimento e ter predito a vida do Messias, nos seus pormenores! Não se trata de predizer um facto científico, como um eclipse, por exemplo, mas sim um conjunto de factos variadíssimos, dependentes de Deus e dos homens, impossíveis de predizer.

Miqueias

(710 anos antes de Cristo)

Êste profeta prediz a cidade do nascimento do Messias. Ouçamos os seus acentos, lá da profundidade dos séculos:

«E tu, Bethlehem Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel e cujas saídas são desde os dias da eternidade.» (Capítulo 5:2).

Era tão vulgar o conhecimento da terra onde deveria nascer o Messias que os doutores de Israel, reunidos à pressa por Herodes, no seu palácio de Jerusalém, para inquirir do dito nascimento, souberam dizer:

«E congregados todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E eles lhe disseram: Em Bethlehem da Judeia, porque assim está escrito pelo profeta...» (Mat. 2:4-5) e segue-se a profecia de Miqueias.

Isaías

(700 anos antes de Cristo)

Ouçamos as suas próprias palavras:

«Portanto o mesmo senhor vos dará

um sinal: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e chamará o seu nome EMMANUEL» (Cap. 7:14).

«Eis aqui o meu Servo, a quem sustenho, o meu Eleito, em quem se aprás a minha alma; puz o meu espírito sôbre êle; juízo produzirá aos gentios. Não clamará, nem alçará a sua voz na praça. A cana trilhada não quebrará nem apagará o pavio que fumeja; com verdade produzirá o juízo; não se encobrirá, nem será quebrantado, até que ponha na terra o juízo. As ilhas aguardarão a sua doutrina. Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus e os estendeu e espraizou a terra e tudo quanto produz; que dá respiração ao povo que habita nela e o espírito aos que andam nela. Eu o Senhor te chamei em justiça e te tomarei pela mão e te guardarei e te darei por concôrto do povo e para luz dos gentios, para abrir os olhos aos cegos, para tirar da prisão os presos e da casa do cárcere os que jazem em trevas.» (Cap. 42:1-7).

«...As minhas costas dou aos que me ferem e as minhas faces aos que me arrancam os cabelos; não escondo a minha face de opróbios e de escarros. Porque o Senhor Jeová me ajuda pelo que me não confunde...» (Capítulo 50:6-7).

O Capítulo 53 do profeta Isaías é uma profecia das mais completas sôbre o Messias, e nele vemos os sofrimentos, a morte expiatória e os triunfos do Servo do Senhor. Êste capítulo tem, no dizer de vários escritores cristãos, embaraçado muito os intérpretes israelitas e os ateus. O Messias de Isaías, o grande profeta de Israel, não viria re-

vestido dos trajes da realeza mas nos da humildade, para fazer expiação.

Jeremias

(620 anos antes de Cristo)

Dá indicações sôbre o nascimento do Messias, o libertador de Israel, nos seguintes termos:

«Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davide um renovo justo; e, sendo rei, reinará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias Judá será salvo e Israel habitará seguro; e êste será o seu nome com que o nomearão: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA.» (Cap. 23:5-6).

Não temos oportunidade nem espaço para citar tôdas as profecias sôbre a primeira vinda de Cristo. Quando lemos o Evangelho, ficamos admirados ao ver que o evangelista biógrafo para cada episódio da vida de Jesus cita uma profecia como cumprida. Estas profecias citadas não o foram à última hora pelos evangelistas. Êles eram israelitas criados no temor das Escrituras, que desde crianças ouviam ler nas sinagogas. O seu testemunho



«E começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dêle se achava em tôdas es Escrituras.» (S. Lucas 24:2)

indica-nos o que, no seu tempo, se interpretava acêrca dessas profecias. E tôdas tiveram cumprimento em Cristo. Mas vamos agora citar uma importantíssima profecia cronológica.

Daniel

(590 anos antes de Cristo)

Êste profeta deu-nos datas que apontam para determinados acontecimentos muito importantes para a Congregação de Deus, nos seus dias e pelos séculos futuros. Ouçamos as suas próprias palavras:

«Setenta semanas estão determinadas sôbre o teu povo, sôbre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão, dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, trazer a justiça eterna, selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos santos.

«Sabe e entende; desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as ruas e as tranqueiras se reedificarão mas em dias angustiosos. E depois das sessenta e duas semanas será tirado o Messias e não será mais; e o povo que há de vir destruirá a cidade e o santuário e o seu fim será como uma inundação; e até ao fim haverá guerra: estão determinadas as assolações.

«E êle firmará concêrto com muitos por uma semana; e na metade fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sôbre a asa das abominações virá o assolador e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sôbre o assolador.» (Cap. 9:25-27)

«Sabe e entende, desde a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas.»

Vamos dar a palavra ao autor do livro: «A Nossa Época e o Destino do Mundo» que o leitor bem fará de ler com atenção:

«O ponto de partida do período secular dos 2.300 anos (*porque um dia em profecia representa um ano vulgar*) coincide pois com a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém»; os 490 primeiros anos da cadeia profética vão até à primeira vinda do Messias, ao passo que a extremidade da cadeia dos 2.300 anos vai até à hora do juízo. Uma vez estabelecido o ponto

de partida, todos os acontecimentos que se sucedem durante o longo período devem coincidir com o ponto da escala que se lhes refere e correspondem exactamente ao horário profético.

«Houve muitos decretos relativos à reconstrução de Jerusalém, após o cativo da Babilónia. Temos os decretos de Ciro, de Dario e de Artaxerxes Longimano. Qual dêstes decretos corresponde à saída da palavra para restaurar e para edificar Jerusalém?... O decreto de Artaxerxes (Esdras, cap. 7) é o mais vasto dos três, pois que autoriza a restauração completa da administração civil e religiosa de Jerusalém e Judeia... O sétimo ano do reinado de Artaxerxes é o ano 457 antes de Cristo... O ano 457 determina, conseqüentemente, uma data de grande importância. Êste ano assemelha-se à coluna de ouro do antigo Forum Romano onde começava a medição de tôdas as distâncias até às fronteiras do império. Ê dêste ano 457 que partem os fios de ouro da profecia cronológica que ligam o ministério de Jesus Cristo na terra ao seu ministério nos céus e que anuncia a época solene da consumação do grande plano divino.

«O termo Messias significa o Ungido. Foi por ocasião do seu baptismo que Jesus foi «ungido», isto é, consagrado «Messias», «Cristos» em grego, Cristo em português.

«E sendo Jesus baptizado, saiu logo da água e eis que se lhe abriram os céus e viu o Espírito de Deus, descendo como pomba e vindo sôbre Êle. E eis que uma voz dos céus dizia: «Êste é o meu Filho amado em quem me comprazo» (Mat. 3:16-17)... Em que data se efectuou êste baptismo, esta unção? O Evangelho de S. Lucas fornece-nos factos que nos permitem fixar o ano dêste acontecimento.

«No ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos presidente da Judeia etc...» (Lucas 3:1-3).

«O ano 18.º de Tibério coincide com o 2.º da nossa era. Portanto «o ano quinze de Tibério César» deve ser correspondido ao ano 27, precisamente 483 anos a partir do edicto em que se ordenava a reconstrução de Jerusalém. A profecia das 69 semanas haviam-se cumprido: o Messias tinha aparecido.»

O grande orador católico Bossuet depõe

Esta profecia cronológica foi também abordada por Bossuet, professor de príncipes e orador da côrte francesa, grande escritor católico do tempo da Reforma. Não fugimos ao prazer de relembra alguns dos seus parágrafos sôbre tão importante profecia:

«Quando virá o Filho do homem e o tão desejado Cristo e como realizará Êle a obra que lhe está confiada, isto é, a redenção do género humano? Ê o que Deus manifestamente revela a Daniel. Nesta profecia acham-se apontados em termos precisos, para o fim destas semanas, «a remissão dos pecados, o reino terno da justiça, a completa realização das profecias e a unção do Santo dos santos» (discours sur l'Histoire Universelle).

Semana de anos e não de dias

Não há nenhum comentador actual de valia que queira interpretar a profecia de Daniel dando à palavra semana o significado literal.

«As 70 semanas são semanas de anos; os judeos contavam por semanas de anos (Lev. 25:8) e Daniel, quando fala de semanas de dias emprega a expressão própria: «Chorarei—diz êle—durante três semanas de dias» (Capítulo 10:3).

Esta frase encontra-se no Curso de religião Católica de Prunel.

Podemos pois todos ficar certos da veracidade da interpretação desta admirável profecia. Não é interpretação «de homem algum» porque tôda a igreja cristã, em todos os tempos, interpretou a palavra «dia» por «ano», como aliás é maneira corrente em profecia bíblica e poderíamos provar com muitas citações.

Conclusão

«A profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum.» Ninguém é capaz de predizer o futuro, se Deus lho não revelar. Deus também, por outro lado, «não faz nada sem que primeiro o revele aos seus servos os profetas». Cristo, a sua obra e tôdas as particularidades da mesma estão anunciadas pelos profetas que viveram muitos séculos antes do acontecimento.

Nenhum homem, por grande que

fôsse a sua vontade, poderia cumprir as profecias pois elas se relacionavam com povos e indivíduos altamente colocados. De resto, o embusteiro tem sempre em mira

gozar uma boa vida à custa dos que engana. Justamente ao contrário de Cristo cujas profecias indicavam a sua morte no meio da zombaria e do sofrimento.

A conclusão impõe-se: Jesus é o Messias, o enviado de Deus para salvar, pela sua morte, o mundo dos seus pecados.

A. Dias Gomes

O MUNDO ISRAELITA

NA ÉPOCA DO ADVENTO

por E. G. WHITE

Por mais de mil anos aguardara o povo israelita a vinda do Salvador. Nesse acontecimento fundamentara as suas mais gloriosas esperanças. No cântico e na profecia, no ritual do Templo e nas orações domésticas, haviam envolvido o seu nome. Entretanto, pela ocasião da Sua vinda, não O conheceram. O Bem-Amado do céu foi para eles «como raiz duma terra sêca»; não tinha «parecer nem formosura»; e não lhe viam beleza nenhuma para que O desejassem. «Veiu para o que era Seu e os Seus não O receberam». (Isaías 53:2; João 1:11)

Os israelitas fixaram as suas esperanças em mundanas grandezas. Desde o tempo da sua entrada na terra de Canaan, apartaram-se dos mandamentos de Deus e seguiram os caminhos dos gentios. Era em vão que Deus enviava advertências por Seus profetas. Em vão sofriam eles os castigos da opressão gentílica. Tôda a reforma era seguida de mais profunda apostasia.

Houvessem os filhos de Israel sido leais ao Senhor e Ele teria podido cumprir Seu designio, honrando-os e exaltando-os. Houvessem andado nos caminhos da obediência e tê-los-ia exaltado «entre tôdas as nações que criou, para louvor e honra e glória Sua». «Todos os povos da terra verão que é invocado sobre ti o nome do Senhor» disse Moisés; «e temer-te-ão». «Os povos... ouvindo todos êstes preceitos» dirão: «eis um povo sábio e inteligente, uma nação grande». (Deut. 26:19; 28:10; 4:6). Devido, porém, à sua infidelidade, o designio de Deus só pôde ser executado através de contínua adversidade e humilhação.

Foram levados em sujeição a Babilônia e espalhados pelas terras dos pagãos. Em aflição renovaram muito a sua fidelidade ao concôrto de Deus. Enquanto penduravam as

suas harpas nos salgueiros e lamentavam o santo Templo posto em ruínas, a luz da verdade brilhava por meio deles e difundia-se entre as nações o conhecimento de Deus. O pagânico sistema de sacrifícios era uma perversão do sistema que Deus indicara; e muitos dos sinceros observadores dos ritos pagãos aprenderam dos hebreus o significado do serviço devidamente ordenado, apoderando-se, com fé, da promessa do Redentor.

Mediante o captivo da Babilônia, os israelitas foram realmente curados do culto de imagens de escultura. Durante os séculos que se seguiram, sofreram opressão dos seus inimigos gentios, até que se firmou neles a convicção de que a sua prosperidade dependia da obediência prestada à Lei de Deus. Mas em muitos deles a obediência não era motivada pelo amor. Tinha motivo egoísta. Prestavam a Deus um serviço exterior como meio de atingir a grandeza nacional. Não se tornaram a luz do mundo mas excluíram-se do mundo para fugir à tentação da idolatria. Nas instruções dadas a Moisés, Deus estabeleceu restrições à associação deles com os idólatras; êstes ensinios, porém, haviam sido mal interpretados. Visavam preservá-los contra as práticas dos gentios. Mas foram usados para estabelecer uma parede de separação entre Israel e tôdas as outras nações. Os judeus consideravam Jerusalém como o seu céu e tinham reais ciumes de que Deus mostrasse misericórdia aos gentios.

Depois da volta da Babilônia, foi dispensada muita atenção ao ensino religioso. Ergueram-se por todo o país sinagogas, nas quais a Lei era exposta pelos sacerdotes e escribas. Estabeleceram-se escolas que, a par das artes e ciências, professavam ensinar os princípios

da justiça. Êsses agentes preveteram-se porém. Durante o cativeiro, muitos do povo haviam adquirido ideias e costumes pagãos os quais foram introduzidos em seu serviço religioso. Conformaram-se a muitos respeitos, com as práticas dos idólatras.

Ao passo que os israelitas desejavam o advento do Messias, não tinham recto conceito da missão que Ele vinha desempenhar. Não buscavam redenção do pecado mas libertação dos romanos. Olhavam o Messias vindouro como conquistador para quebrar a fôrça dos opressores e exaltar Israel ao domínio universal. Assim estavam preparando o caminho para rejeitar o Salvador.

Ao tempo do nascimento de Cristo, a nação estava irritada sob o governo dos seus dominadores estrangeiros e atormentada por lutas internas. Fôra permitido aos judeus manterem a forma de um governo separado; mas coisa alguma podia disfarçar o facto de viverem sob o jugo romano ou reconciliá-los com a restrição do seu poder. Os romanos pretendiam o direito de indicar ou destituir o sumo-sacerdote e o cargo era muitas vezes obtido por fraude, suborno e até por homicídio. Assim o sacerdócio se tornava cada vez mais corrupto. Todavia os sacerdotes ainda ostentavam grande poder e o empregavam para fins egoístas e mercenários. O povo estava sujeito às suas desapiedadas exigências e era também pesadamente onerado pelos romanos. Êsse estado de coisas causava geral descontentamento. Os motins populares eram freqüentes. A ganância e a violência, a desconfiança e apatia espiritual estavam correndo o próprio âmago da nação.

(Do «Desejado dos Séculos», cap. III)

A DIVINDADE DE JESUS CRISTO

por Ernesto Ferreira

Dêmos por assente a historicidade dos Evangelhos. Digo «dêmos por assente», não porque seja muito fácil de a provar, mas porque para a estabelecer seria necessário o espaço de que dispomos para o assunto que agora nos preocupa.

Dando, pois, por assente a historicidade dos Evangelhos, deparamos com um conjunto de factos extraordinários na vida de Jesus, em geral apresentados como provas da Sua divindade e que, no entanto, bem ponderados, *por si só*s, não nos oferecem motivo para tal crença.

Assim, verificamos que na pessoa de Cristo se cumpriram predições de antigos profetas; e mas não se cumpriram também noutras pessoas, quer eleitas, como João Baptista, quer réprobas, como o Anti-Cristo, predições de profetas? Portanto o simples facto de Cristo ser objecto de profecias não baseia suficientemente a crença na Sua divindade. Jesus, por sua vez, fez profecias, que se cumpriram, como a que se referiu à queda de Jerusalém; e mas não se cumpriram igualmente as profecias de Isaías, Jeremias ou Daniel? E quem baseará nesta observação a divindade dêesses profetas? Jesus operou milagres maravilhosos; e mas não os operaram também outras pessoas, quer do Antigo Testamento, como Moisés, quer no Novo, como Pedro? Não obstante, quem pretende que, pelo facto de operarem milagres, êesses servos de Deus tenham sido revestidos de natureza divina? Jesus operou ressurreições, como a do filho da viúva de Naím e a da filha de Jairo; e mas não ressuscitou Eliseu o filho da viúva de Sarepta, e Pedro, a caritativa Dorcas? E por êsse facto diremos que Eliseu ou Pedro não eram simples homens? O próprio Jesus ressuscitou ao terceiro dia; mas não ressuscitou Lázaro ao quarto? E quem afirmará que, pelo facto de ressuscitar, Lázaro era Deus? Pode ainda apresentar-se a beleza moral da Sua vida e da Sua doutrina; e mas não tem sido surpreendentemente bela a vida de alguns homens, como José, Daniel, João Baptista, Paulo?

E a quem ocorre dizer que, por êsse facto, haja motivo para sustentar a divindade dêesses crentes? Finalmente, Jesus Cristo afirmou a Sua própria divindade; e mas não o fizeram também alguns falsos messias dos primeiros séculos?

Temos de chegar, pois, à conclusão de que nenhum dêestes factos, *por si só*, prova a divindade de Jesus Cristo!

Detenhamo-nos, porém, na atribuição da divindade feita por Jesus a Si próprio, quer por palavras, quer por Suas atitudes.

Com efeito, Jesus assumiu atitudes que apenas competiam a Deus. Um dia disse a um paralítico: «Perdoados estão os teus pecados!» E os que presenciaram o facto comentavam: «Porque diz assim blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?» (Mar. 2:5-7). Noutra altura, em pleno rosto dos fariseus escandalizados afirmou que até do Sábado era senhor—do Sábado, a instituição divina mais sagrada para os judeus! (Mar. 2:28). Ainda a propósito de um Sábado, em que Jesus curou um paralítico, em Betesda, os judeus «procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o Sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus». (João 5:18).

Estas, e outras semelhantes, atitudes de Jesus eram confirmadas por Suas declarações, mais ou menos abertas, em particular no têrmo da Sua vida pública.

Finalmente, basta recordar que Jesus foi condenado à morte pelos judeus, sob pretexto de que com Suas atitudes e palavras se considerava igual a Deus. «Nós temos uma lei, diziam êles, e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque se fêz Filho de Deus». (João 19:7).

Ora esta afirmação gravíssima de Jesus tinha forçosamente de ser: ou falsa, ou verdadeira. Para ser falsa, podia sê-lo involuntária, e então Jesus seria um megalomaniaco, ou voluntariamente, e nesse caso Jesus seria um mentiroso.

À tentativa pateta de certo escritor para provar a «loucura de Jesus» chamou um insuspeito professor português «a maior infâmia

da história». Com efeito, a mais banal observação psicológica dos Evangelhos depara com uma personalidade equilibradíssima, sem fanatismo nem a mais leve sombra de megalomania. Após um retumbante milagre, a primeira multiplicação dos pães, a multidão queria aclamá-lo rei. Mas «sabendo Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, êle só, para o monte». (João 6:15).

Tampouco a observação psicológica dos Evangelhos nos apresenta um Jesus mentiroso. Não há um único indício que nos permita tirar semelhante conclusão. Pelo contrário, a beleza moral do Seu carácter, reconhecida em geral pelos próprios que não admitem a Sua divindade, tem-se mantido impar até ao presente, no vasto panorama da humanidade de todos os séculos e de todos os meridianos.

Temos, pois, indícios para supor que Jesus, nem voluntária nem involuntariamente, tenha produzido uma afirmação falsa ao declarar a Sua divindade.

Mas êstes simples indícios encontram plena confirmação em vários factos de ordem objectiva do mais alto valor persuasivo. Referimo-nos às profecias e milagres feitos por e a favor de Jesus.

Essas profecias e milagres revelam, de um modo geral, a intervenção de um poder sobre-humano. Alguns poderiam talvez atribuir-se, por uma exagerada hipercrítica, a agentes naturais ou satânicos. Mas há na vida de Jesus profecias que nunca poderiam ser cumpridas por poder satânico, como o Seu nascimento de uma Virgem, e milagres que só a Deus competem, entre os quais aqueles que envolvem a criação de uma nova vida, como as ressurreições e as multiplicações dos pães.

Entre as várias profecias e milagres, Jesus baseava-se particularmente numa profecia e milagre: «Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém não se lhe dará outro sinal, senão o do profeta Jonas; pois como Jonas esteve três

(Conclui na pág. 15)

Aparecimento de JESUS

Pelo historiador E. PRESSENSÉ

Decadência universal

Pode parecer estranho que se fale de universal decadência no tempo em que o mundo antigo, quasi todo reunido sob domínio único, tem tôdas as aparências de potência e prosperidade. Compreendendo a Península Ibérica, a Gália, a Bretanha, a Itália, a Ilíria, a Grécia, a Ásia Menor, o Egipto, a África e as ilhas do Mediterrâneo, o Império Romano, com as 600.000 léguas quadradas dos mais férteis territórios, realizava quasi o sonho de todos os grandes conquistadores: era por certo o império universal. Estava defendido por um exército regular de 500.000 homens, enquadrados nas famosas legiões e constituía a mais sábia organização militar conhecida. O despotismo imperial, resultante da concentração numa só pessoa de todos os cargo da república, tudo transformara e tudo parecia conservar. Podia-se acreditar que tal despotismo daria paz ao mundo fatigado.

O luxo da vida romana

Sob o ponto de vista do luxo era uma grandiosa vida a dos romanos no fim da república e no começo do Império. As casas, como diz Séneca, estavam resplandecentes de ouro; nelas poderíamos ver circular a multidão dos escravos vestidos de fatos sumptuosos; a riqueza ostentava-se nas minúcias e nas salas de festim elevavam-se os repuchos de água fresca e cintilante. O palácio de qualquer romano rico compreendia às vezes quatro salas de jantar, vinte quartos de dormir e outros cem aposentos; estava cercado de duplo pórtico de mármore. O luxo dos edifícios públicos era ainda superior ao dos particulares. Dividida em 14 regiões, Roma contava inúmeros templos e aquedutos. O Forum principal era cingido de dois pórticos de colunas

ricamente adornadas; os templos agrupavam-se em redor; o povo passeava majestosamente o seu aborrecimento sob êsses vastos recintos. As termas estavam adornadas de quadros, pavimentadas de mármore de Alexandria, revestidas com mosaicos preciosos e lançavam as suas águas por torneiras de prata. Os circos não eram menos majestosos. Calígula chegou a pontos de polvilhar a arena com ouro em pó. Roma era, na verdade, a residência real do povo dominador do mundo.

A verdadeira situação

O povo romano não vivia do trabalho: vivia de esmolas. As artes e ofícios eram abandonadas aos escravos. O romano era alimentado e divertido pelos seus senhores. Do Egipto vinha o alimento e a vida romana, no dizer de Tácito, estava dependente dos acidentes marítimos.

A fortuna dos ricos era devorada pelo fisco e pelas despesas do luxo insensato. A população diminuía em proporções temerosas. O espirito da família desaparecia: ninguém se queria casar. Em vão Augusto promulgou a lei *Pappia Poppaea*, castigadora do celibato e recompensadora das famílias numerosas: escapam a ela pelo subterfúgio das adopções. A Itália pouco mais tinha de dez milhões de habitantes. Esta civilização tão admirada sob o ponto de vista exterior era o manto brilhante a cobrir a decrepitude.

A escravidão

Comprava-se um escravo por quinhentas dracmas. O escravo não tinha direitos. Os seus filhos pertenciam ao seu patrão. Ao fim de seis anos podia resgatar-se mas o proprietário tinha mil maneiras de o roubar. A sua vida valia tão pouco que bastava uma suspeita para

o matar. Os escravos de uma casa onde fôsse assassinado o patrão eram também assassinados com o receio de que entre êles estivesse o assassino. Contra os escravos, tudo era permitido, segundo nos informa Séneca. Em tribunal era interrogado por meio de torturas. Quebravam-lhes as pernas por bagatelas. Davam-lhes os mais cruéis tratos se tivessem a infelicidade de derramar água quando serviam à mesa os seus senhores. Séneca conta que certo escravo foi lançado aos bichos por ter quebrado um copo de cristal. Passavam noites inteiras em volta da mesa do festim, de pé e mudos, e eram rudemente castigados se tugissem ou se mechessem. Infelizmente não abusavam só das forças físicas do escravo mas faziam-nos servir ainda para os prazeres infames dos seus senhores.

Os escravos vingavam-se bem dos maus tratamentos sofridos e contribuíam activamente para a desmoralização geral. A educação da mocidade era-lhes confiada; procuravam ganhar-lhe a protecção lisonjeando tôdas as más inclinações. Obtinham assim um ascendente funesto que, mais tarde, quando se tornavam libertos, lhes dava o direito de senhores dos palácios.

A miséria

Ao lado da multidão dos romanos que viviam das esmolas imperiais havia um grande número de pobres que delas se viam excluídos: os estrangeiros e escravos libertos que tinha de recorrer à caridade pública. Viviam muito mal. Algumas instituições de caridade existiam mas eram impotentes para tanta miséria. Nada havia naquela sociedade antiga mais estranho do que a compaixão pelo pobre e desgraçado. «Que é um pobre?» perguntava desdenhosamente um dos

convidados de Trimalcion, no «Satírico» de Petróneo. Até o próprio Cícero, que tão nobres aspirações exteriorizou, declarou que só deveríamos dar uma esmola a um estrangeiro quando ela não nos fizesse falta. Plauto, numa das suas obras, dizia que dar esmola a um pobre é perder o que se dá e prolongar uma vida de miséria!

A vida doméstica

Penetrar no interior da família romana, no tempo dos Césares, é verificar que as vergonhas da vida privada igualam pelo menos as da vida pública... O casamento foi a primeira instituição atingida pela maré da corrupção que assinalou o fim da república e ultrapassou todos os limites no império. Dilacerado pelo divórcio permanente, o casamento não impunha obrigações. O direito de quebrar os laços ao primeiro capricho anulava-o na realidade. Séneca apontava uma dama que contava os anos, não pelo nome dos cônsules mas pelos dos maridos. A mulher, segundo a enérgica expressão de Martial, era legalmente adúltera. E a família romana a-pesar-de corrompida conservava a sua antiga dureza. O pai tinha o direito de abandonar os seus filhos e dêsse direito usava largamente.

Nenhuma côr é bastante forte para pintar a corrupção.

Quanto aos costumes dos homens nem sequer é possível dar uma pálida ideia. Os vícios contra a natureza desenvolveram-se em Roma sem freio nem medida. Tôdas as classes sociais estavam infectadas. A volúpia conduz sempre à crueldade e, desta forma, se viu aparecer em proporções fantásticas a ligação entré o deboche e o assassinato assinalada nas religiões naturais. Tácito conta que um romano terminou uma noite de orgia pelo assassinato da sua amante, que presidira ao festim. Esta mistura de prazer e de sangue dá característica à época imperial. Daí a popularidade dos festins no Circo. Quando não bastavam os escravos faziam combater os soldados e até os próprios centuriões. Iam de manhã ao circo; ali ficavam no intervalo do meio-dia; à tarde havia naumaquias, combates navais num mar improvisado, dando centenas de mortos por espectáculo. O prazer supremo era ver morrer.

A religião pagã

Notaremos, em primeiro lugar, que a religião oficial, nacional, a ninguém satisfazia; caíra demasia-

do baixo. O humanismo chegou à adoração do imperador. O deus oficial «que, ao menor sinal ou ao carregar do sobranceiro, governava a terra, o mar, a paz e a guerra» no dizer de Plínio (Panegírico 197) era o imperador, isto é; muitas vezes um doido furioso, um histrião, um monstro e, não raras vezes, tudo isso ao mesmo tempo. Esse deus era Calígula, «o mais cruel dos senhores depois de ter sido o mais submisso dos escravos» (Suetónio, Cal. 10); também foi Nero «que, de todos os crimes, não negligenciou nenhum» (Tácito, Anais 14,57). Hoje era um velho imbecil como Cláudio; amanhã um bobo saguinário como Cómodo dos quais se podia dizer que nenhuma cicatriz lhe faltava. Nem aguardavam a morte dêsses deuses para lhes fazer a apoteose. Reclamavam altares em vida.

Tais divinizações rebaixavam a ideia da Divindade; os antigos deuses que, nos períodos áureos da Grécia, foram revestidos de certa majestade, desceram com presteza dessas alturas num instante.

O templo de Vénus era servido, em Coríntio, por milhares de prostitutas e recomendava-se às donzelas, que desejassem conservar a sua pureza, passar ao largo do templo de Júpiter. Nada pode mostrar melhor a ideia baixa sôbre tais deuses do que as orações que lhes eram dirigidas e pelas quais, nos dizeres do satírico Persa, procuravam comprar os seus favores e seduzi-los. Ninguém ousaria repetir em voz alta as preces que faziam em voz baixa porque lhes pediam a satisfação de paixões culpadas ou a posse de bens ilegítimos.

A conduta dos sacerdotes contribuía ainda para descrédito da religião. Os seus costumes são pavorosos e os seus embustes começavam a ser conhecidos; tôda a gente falava da sua inspiração profética que não passava de uma burla. Apuleia retratou em côres vivas as infâmias dos sacerdotes de Cibele, espécie de mendigos profissionais engordando à custa da caridade pública, especuladores da devoção e, acima de tudo, ladrões descarados (Apuleia Met. 11).

Pos isso, homens como Cícero escreviam: «Pensas tu que sou tão parvo que acredite em tôdas essas fábulas? Que velhota haverá tão estúpida que tivesse medo de todos êsses monstros do inferno?» (De natura deorum 11:2).

E coisa notável, foi para o Oriente, para o antigo Egipto que se voltaram os olhos. Os judeus até esse

momento aborrecidos, recrutavam prosélitos em grande número. Os imperadores são obrigados a legislar contra êles. Cláudio interdissse positivamente as superstições estrangeiras e publicou um decreto de proscricção contra os judeus de Roma. Mas êstes esforços de restauração religiosa são impotentes para resistir contra a corrente.

A intelectualidade

Fora das escolas pròpriamente ditas, espalhara-se um certo espírito filosófico entre as classes cultivadas. Era um espírito praticamente céptico, professando desdém irónico pelas mais nobres preocupações da alma, dando tratamentos de frivolidade àquilo que era muito sério, que ultrapassava a esfera do prazer e dos interêsses materiais. Esse partido da indiferença foi perfeitamente pintado, não sem cinismo, na irónica pergunta dirigida por Pilatos a Cristo: «Que é a verdade?»

Se abordássemos agora as escolas filosóficas, a primeira que se apresentaria era a nova academia trazida para Roma por Narnéade, nos fins da República. Teve a honra de contar entre os seus discípulos, o maior orador e o mais belo espírito da época, Cícero, do qual Plínio, o Velho, dizia que alcançara fazer recuar os limites morais da pátria. Cícero apreciava a filosofia no seu justo valor como médica da alma, deseja retirar-se para a sua sombra e pede-lhe auxílio e protecção. Ama a verdade que se lhe escapa continuamente. Cícero, no seu escrito sôbre a adivinhação, lança mão ousada contra o paganismo; aniquila-o aos bocados e zomba dêle sem piedade: mas em tôdas essas ruínas não encontrou materiais bastantes para novo edifício porque grita tristemente que duvida de tudo e até dêle mesmo: «Et mihi ipsi diffidens».

Séneca foi o filósofo que incarnou o estoicismo romano e as suas contradições. Parece-nos ouvir um pai da igreja quando êle escreve com eloquência: «Ser livre é obedecer a Deus. Não quero obedecer a nenhuma imposição, nada quero sofrer contra a minha vontade; só me submeterei a Deus; quero fazer da Sua vontade a minha». (Vita Beat. V). «Deus, pela aflicção prova, fortifica e prepara para Si a alma do justo». (Providen. VII). Êle quiere que suportemos os ingratos com alma plácida, misericordiosa e grande porque a bondade poderosa triunfa do mal (De beneficiis VII:3). A imagem de Deus não pode ser

esculpida no ouro ou na prata; é preciso procurá-la no coração do justo» (Epist. 31).

O cristianismo pairava na atmosfera; a boa filosofia exercia uma influência indirecta que penetrava muito mais longe do que os missionários.

Nenhuma filosofia poderia salvar o mundo antigo. Quando muito, na pessoa dos seus melhores representantes, poderia pressentir o libertamento e, mesmo assim, incompleto; mas era impotente para lho dar. Era uma impotência mais moral do que intelectual. Não tinha sinceridade capaz de agir sobre o mundo. Nenhum filósofo ousava dizer publicamente o fundo do seu pensamento. Todos pretendiam ter uma doutrina secreta que só confiam aos iniciados; em público, inclinavam-se diante dos deuses que em particular maldiziam. «Eu creio, dizia Cícero, que precisamos respeitar com escrupulo as cerimónias e os cultos públicos» (De natura deorum 1:22).

Séneca formula a grave objecção que o povo fazia aos filósofos: «Vós falais num sentido e praticais noutro. Não fazeis o que prescreveis» (Vit. Beat. 17). Os filósofos não compreendiam, como S. Paulo ou como Sócrates, que a verdade pede mártires prestes a dar a vida por ela e que também a humanidade os pede visto que só se deixa acorrentar por convicções heroicas.

As almas nobres

Para saber se o mundo estava preparado, há vinte séculos, a receber o cristianismo, precisamos olhar mais acima do que o povo cruel, a aristocracia invilecida que tudo esquecia nas grades do circo romano. Precisamos perguntar o que deveriam sentir, em tal época, os corações rectos e esfaimados de verdade. Encontramos num escrito apócrifo do segundo século, uma curta passagem que pela sua simplicidade se destingue do carácter geral do mesmo: pinta em cores tão verdadeiras os sentimentos dominantes das almas sérias:

«Baluçado de doutrina em doutrina, mais infeliz do que nunca, levado no turbilhão de ideias contraditórias, suspirava no mais profundo da minha alma» (Recognitiones capítulos 1 a 6).

Levar a humanidade na pessoa dos seus representantes, a suspirar, era o único fim de Deus na obra da preparação.

(Os Três Primetros Séculos do Cristianismo)



REDENTOR

por Almeida Garrett

*Tu morreste por nós na cruz da afronta,
E o sangue derradeiro
Derramaste do alto do madeiro.
Jesus, Filho de Deus, Deus verdadeiro!*

*Aos crimes do homem não lançaste a conta,
Inocente Cordeiro.
Quando foste no alto do madeiro
Lavar, com sangue, o ultimo e o primeiro.*

*Naquela hora o mundo foi mudado:
A antiga, froixa luz
Se apagou no Calvário ao pé da cruz:
E agora é novo o sol que alim reluz.*



*Por desiguais direitos, afrontosos
Para o pobre que lida,
Que trabalha, que sua pela vida,
Andava a terra pelos reis regida.*

*Nãos sabedores, ricos poderosos,
A tinham submetido
Ao erro torpe que embrutece a vida,
E que apaga a razão n'alma perdida.*

*Acabaram-se as leis dos reis da terra:
E esta só lei ficou:
"O Rei que está na cruz nos libertou,
E com seu sangue a todos igualou."*

A DIVINDADE DE JESUS CRISTO

(Conclusão da pág. 12)

dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra». (Mat. 12:39, 40). Noutros termos, Jesus apresentava como prova da veracidade do que dizia, a sua própria ressurreição, que historicamente sabemos ter sido um facto. Ora, para alguém ressuscitar, é necessário que Deus o ressuscite. Para nos convenceremos disso, suponhamos, por um momento, que alguém tinha a veleidade de se considerar Filho de Deus, e que, como prova do que afirmava, prometia ressuscitar dias depois de morto. A algidez do túmulo seria, como é obvio, a resposta mais fria

à inanidade das suas estultas pretensões.

Se, pois, historicamente, sabemos que Deus apoiou as palavras e atitudes de Jesus com profecias e milagres, e em particular com a ressurreição, não concebemos que as palavras de um mentiroso pudessem ser apoiadas por Deus, continuando a considerar Deus como um Ente sumamente santo e justo.

Sendo assim, forçoso nos é concluir que quando Jesus se afirmava o Filho de Deus, não proferia uma mentira blasfema nem era vítima de uma ilusão vã, mas estabelecia uma verdade tão inabalável como o próprio Deus.



grandes notícias em poucas palavras

Ainda se dão milagres? Um missionário adventista, escreveu do Oriente algumas experiências interessantes, publicadas na Revista Adventista Francesa. Por exemplo:

No barco em que partiu para a Austrália, tomaram-se tôdas as precauções exigidas pelo estado de guerra. Ao chegar à zona perigosa, um luar brilhante iluminava o mar. O capitão do navio manifestou ao missionário as suas apreensões e quanto desejaria que o céu se entenebrecesse. É natural que o missionário orasse nesse sentido. A verdade é que o tempo mudou radicalmente e a noite imediata foi negra e opaca. Quem faria acreditar ao missionário que tal mudança se deu sem intervenção divina?

—:—

Na China, certa cidade recebeu perto de 300 bombardeamentos aéreos. Às vezes, seis por dia. Os cristãos chineses aproximaram-se de Deus pela oração. Um cristão chinês foi apanhado na rua quando fôra dado o sinal de «alerta». Os soldados queriam executá-lo por espião. Uma bomba caiu, matou alguns soldados. O cristão podia ter fugido mas ficou e foi conduzido ao pôsto e metido na cadeia por suspeito. Uma bomba rebentou na cadeia, matou soldados e prisioneiros. O cristão foi identificado e mandado em liberdade.

Deus vela pelos seus enquanto tiverem alguma missão a realizar.

O cristianismo, base de disciplina social A liberdade individual termina onde começa a liberdade do nosso semelhante.

Há, contudo, muitas pessoas e até cristãos que confundem a formosa liberdade com a sua caricatura «a libertinagem». Estão prontos a protestar, a maldizer os limites impostos aos seus desejos, inclinações, virtudes e taras, por quem tenha o direito de mandar e legislar.

São muito pertinentes as seguintes palavras:

«Os que consideram o seu raciocínio individual como supremo estão em grande perigo. Satanás faz especial estudo dos meios capazes de os separar daqueles a quem Deus constituiu luzes e dêles se serviu para edificar e estender a Sua obra na Terra. Neglegenciar ou desprezar os que Deus escolheu para levar responsabilidades relacionadas com a proclamação da verdade, equivale a rejeitar os agentes estabelecidos para velar pela saúde, coragem e fôrça do seu povo. Qualquer obreiro, no trabalho de Deus, que não considere tais homens e que julgue que a luz para êle só deve vir de Deus, em linha recta, coloca-se numa posição onde se exporá a cair nos laços do inimigo e a ser levado na noite.» (E. G. White, Actos dos Apóstolos, p. 164).

Como o mundo seria belo se todos se esforçassem em favor da ordem contra a desordem!

As Sagradas Escrituras e a guerra universal Milhões de exemplares das Sagradas Escrituras ou só do

Novo Testamento têm sido colocados entre a impedimenta dos soldados de todos os países cristãos envolvidos nesta luta destruidora.

Os soldados americanos, por

exemplo, podem ler, como prefácio, as palavras do presidente Roosevelt:

«Durante séculos, homens de muitas crenças e das mais diversas origens, encontraram nas Sagradas Escrituras, palavras de sabedoria, conselhos e inspiração. Elas são fonte de fôrça e hoje, como sempre, auxiliam a alma humana na posse das mais altas aspirações.»

As Sagradas Escrituras, cuja leitura é aconselhada pelo Papa Bento XV, na sua encíclica «Spiritus Paraclitus», lidas com regularidade e espírito de prece, são poderoso factor no desenvolvimento e manutenção do carácter divino e, também, são traço que unirá cada vez mais fortemente todos os cristãos, divididos pelos erros dos homens e dos tempos, mas que aspirem «a ser um, como Cristo fôu um com Deus».

Era de felicidade? Por certo, a felicidade

de é situação muito subjectiva. De forma absoluta, não poderá existir enquanto houver na terra desempregados, famintos, coléricos, sofredores de injustiças e iniquidades. Muitas causas gerais de infelicidade podem ser removidas; basta boa vontade da parte de quem dirige e de quem é dirigido.

Não podemos ignorar, porém, que o atrazo da humanidade na marcha ascensional para a Felicidade é culpa nossa. Vivemos vida de aparência em tudo. Religiosamente vivemos vida aparente; na indústria, no comércio, na política, na educação, pomos Deus fora da porta. E as coisas que se inventam como máscara a este estado espiritual!

Reforcemos a vontade e assentemos a nossa vida sôbre princípios. Os melhores são ainda os de Cristo. Êle dizia: «A minha paz vos dou... Não se perturbe o vosso coração».

Qual é a maior superstição? Respondamos em primeiro lugar a esta pergunta: «Que é superstição?»

Superstição é a explicação absurda das coisas ou fenómenos.

Pois bem, a maior superstição deve ser o ateísmo porque procura explicar o universo e a sua ordem maravilhosa dizendo que não há Autor Onnipotente e Omnisciente e que tanta fôrça e tanta maravilha vieram do nada.